



Prémio Aga Khan para a Arquitetura  
2025

---

PROJETOS VENCEDORES

**Khudi Bari**

*Vários locais, Bangladesh*

Os *chars* do Bangladesh são uma paisagem de rios e bancos de areia em constante mudança, com uma população que vive num estado de precariedade permanente. Agravadas pelas alterações climáticas, as monções anuais e a erosão dos rios provocam inundações frequentes que destroem casas e meios de subsistência. Em 2018, um projeto de investigação auto-iniciado pelo ateliê Marina Tabassum Arquitetos (MTA) sobre os direitos das terras levou-os a estas comunidades agrárias e despertou a ideia de criar uma solução de habitação flexível, acessível e de autoconstrução adaptada às suas necessidades. Foi assim que nasceu a Khudi Bari - em bengali, significa “casa pequena” - através de uma consulta alargada aos membros da comunidade *char*.

A sua estrutura simples e espacial, utilizando bambu em forma de *chevron*, é unida por conectores de aço especialmente concebidos, fabricados numa fundição de Daca que tem uma longa associação de trabalho com os arquitetos. O piso superior, essencial para garantir espaço de armazenamento e de dormida mesmo durante as cheias, tem aberturas à frente e atrás para ventilação cruzada. O telhado é de estanho ondulado produzido em Chittagong - escolhido pela comunidade em vez do colmo, pela sua durabilidade e reutilização. A fachada superior é constituída por painéis de madeira, enquanto que as paredes inferiores são deixadas à iniciativa dos proprietários/utilizadores: desde ervas ou paus a tecido feito de juta ou chapas metálicas onduladas recuperadas. Atribuídos pelas próprias comunidades aos mais necessitados, os módulos básicos Khudi Bari custam o equivalente a apenas 450 dólares americanos - uma fração do preço inicial de cerca de 2500 dólares americanos das casas pré-fabricadas de madeira normalmente disponíveis e já produzidas em Daca.

A monitorização contínua avalia o desempenho das estruturas ao longo do tempo e o MTA criou a Fundação para a Arquitetura e Equidade Comunitária (FACE), uma organização sem fins lucrativos, para facilitar a sua aceitação. No início de 2025, mais de 78 estruturas tinham sido erguidas em vários locais. Os proprietários atestam que elas cumprem a promessa de serem construídas em três dias e desmontadas em três horas. Algumas já resistiram a vários ciclos de inundações e/ou remoção para novos locais.

O MTA também conseguiu expandir o sistema modular para criar várias instalações de design marcante e cuidadoso, dirigidas ou orientadas para as mulheres, nos vastos campos de refugiados Rohingya do Bangladesh, cujas comunidades predominantemente muçulmanas fugiram da perseguição na vizinha Myanmar.

De crescimento rápido e disponível em abundância em todo o Bangladesh, o bambu é tratado nas comunidades *char* por imersão em água durante vinte e quatro horas. Nos campos Rohingya, é tratado com bórax e ácido bórico para proteger contra a decomposição de fungos e a infestação de insetos, numa instalação especial criada pela Organização Internacional para as Migrações (OIM).



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### *Citação do Júri:*

“O projeto Khudi Bari foi galardoado com o Prémio pelo desenvolvimento de um sistema flexível que aborda desafios globais com soluções vernaculares, reformuladas através de uma lente contemporânea para evoluir e aumentar a escala de modo a ter um impacto regional mais alargado.

Baseado num módulo de geometria elementar, a sua racionalização - aliada à adaptação de técnicas vernaculares de bambu - coloca a humanidade à frente da estética, e é suficientemente humilde para permitir uma utilização de fonte aberta que dá a oportunidade às comunidades de construírem e as localizarem de forma autónoma. A sua instalação e desmontagem fáceis e rápidas proporcionam uma solução interessante para a condição nómada das comunidades deslocadas pelo clima nas planícies aluviais do Bangladesh, para as quais foi inicialmente concebido, tendo já impacto na vida de centenas de famílias.

À medida que se desenvolve em projetos comunitários de maior escala, o Khudi Bari mantém a simplicidade da sua estrutura, ao mesmo tempo que continua a ser gracioso e belo, recordando-nos que a conceção para a sobrevivência não exclui a qualidade arquitetónica. Graças à flexibilidade e ao carácter aberto da sua geometria, o projeto permite que o módulo individual passe de um abrigo único a edifícios coletivos comunitários, alargando o seu impacto da dignidade pessoal à infraestrutura social, sob a forma de salas de aula, cozinhas comunitárias e centros de ajuda humanitária.

O projeto tem um profundo enquadramento ecológico, contribuindo para o avanço global do bambu como material. Um recurso vivo e regenerativo, amplamente disponível em toda a Cintura do Bambu no Sul Global, está a ser cada vez mais adotado à medida que a perceção muda de um material precário para uma solução viável, dimensionável e sustentável, proporcionando um valor que vai para além do estilo.

Ideias arquitetónicas claras e poderosas têm a possibilidade de alcançar e inspirar outras pessoas em todo o mundo, mas depois têm de ser transferidas para contextos específicos para serem construídas com recursos locais. As ideias podem e devem tornar-se globais, mas os materiais têm de permanecer locais.

O projeto Khudi Bari é profundamente otimista, na medida em que reformula o papel que a arquitetura pode e deve desempenhar em tempos de realidades globais difíceis - como uma solução esperançosa, acionável e centrada no ser humano, fundamentada e sistémica.”



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### *Dados do projeto*

#### CLIENTES

Khudi Bari, vários locais, Bangladesh

Comunidades que vivem em Char Hijla, Char Juan Satra, Porar Char, Char Bajradiar Katha, Char Shildaha, Tahepur, Bangladesh

Agência Suíça para o Desenvolvimento e a Cooperação, Dacca, Bangladesh:

Nathalie Chuard, *Embaixadora da Suíça no Bangladesh*

Syeda Zinia Rashid, *responsável sénior pelo programa*

Kamalesh Ghosh, *controlador financeiro sénior*

Khudi Bari nos campos de refugiados Rohingya, Ukhiya, Teknaf, Cox's Bazar, Bangladesh

Programa Alimentar Mundial (WPF), Cox's Bazar, Bangladesh:

Richard Ragan, *diretor nacional*

Naila Sattar, *conselheira política*

Diane Taylor, *diretora de projeto*

Biniam Michael, *engenheiro-chefe*

Argha Saha, Kazi Akif Akash, *arquitetos*

#### ARQUITETOS

Khudi Bari, vários locais, Bangladesh

Ateliê Marina Tabassum Arquitetos (MTA), Dacca, Bangladesh:

Marina Tabassum, *diretora*

Arman Abedin, Kazi Akif Akash, Anusha Alamgir, Tasneem Farah Siddique, *arquitetos, investigação e desenvolvimento*

Protap Biswas, *engenheiro de obra*

Sharif Hossain, *contabilista*

Khudi Bari nos campos de refugiados Rohingya, Ukhiya, Teknaf, Cox's Bazar, Bangladesh

Ateliê Marina Tabassum Arquitetos (MTA), Dacca, Bangladesh:

Marina Tabassum, *arquiteta principal*

Khondaker Hasibul Kabir, *arquiteto paisagista e comunitário*

Mahmuda Alam, *arquiteta comunitária*

Tasneem Farah Siddique, *arquiteto e administrador*

Moslah Uddin, Sarina Khan, *arquitetos*

Protap Biswas, *engenheiro de obra*

Sharif Hossain, *contabilista*

Soluções de Design, Anwar Hossain, *engenheiro de estruturas*



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### IMPLEMENTAÇÃO

#### Khudi Bari, vários locais, Bangladesh

Fundação para a Arquitetura e Igualdade Comunitária (FACE), Dacca, Bangladesh:

Khondaker Hasibul Kabir, Md. Shafiul Azam Shamim, Faria Sharmeen Akbar, Sabiha Ambareen Haque, Tasneem Farah Siddique, Arman Abedin, *equipa da FACE*

Teresa Albor, *consultora de subsídios*

Arman Abedin, *arquiteto, coordenador do projeto*

Saad Ben Mustafa, Afsary Islam Toma, Mushabbir Muttaki, *arquitetos, gestores de projeto*

Alamgir, Masud Hossain, *carpinteiros, construtores*

Protap Biswas, *engenheiro de obra*

Ali Haider Mohammad Sayeed, *contabilista*

#### Khudi Bari nos campos de refugiados Rohingya, Ukhiya, Teknaf, Cox's Bazar, Bangladesh

##### **Centro comunitário dirigido por mulheres, Camp8E, Ukhiya:**

Equipa de engenharia do WFP, *gestão da construção*

Gono Unnayan Kortripakkha (GUK), *supervisão e gestão do local*

Refugiados Rohingya ao abrigo do “Programa Dinheiro por Alimentos”, *trabalhadores diários*

Protap Biswas, *engenheiro de obra*

Alamgir, *carpinteiro, construtor*

Mohammad Akhter Hossain, Mamun Engineering, *fabricante de aço*

##### **Espaço amigo das mulheres, Camp9, Ukhiya:**

Equipa de engenharia do WFP, *gestão da construção*

Mukti, *supervisão da construção, gestão de obra*

Protap Biswas, *engenheiro de obra*

Refugiados Rohingya ao abrigo do “Programa Dinheiro por Alimentos”, *trabalhadores diários*

Alamgir, *carpinteiro, construtor*

Mohammad Akhter Hossain, Mamun Engineering, *fabricante de aço*

##### **Residência MTA, Ukhiya:**

Arman Abedin, *arquiteto*

Protap Biswas, *engenheiro de obra*

Comunidade local de Ukhiya, *trabalhadores diários*

Alamgir, Masud Hossain, *carpinteiros, construtores*

Mohammad Akhter Hossain, Mamun Engineering, *fabricante de aço*



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### **Centros de agregação do WFP, Teknaf:**

Equipa de engenharia do WFP, *gestão da construção*

Shushilon, *supervisão da construção, gestão de obra*

Protap Biswas, *engenheiro de obra*

Comunidades locais de Montolia e Lomboghona, *trabalhadores diários*

Alamgir, *carpinteiro, construtor*

Mohammad Akhter Hossain, Mamun Engineering, *fabricante de aço*

### **Unidade Modelo do Comissário para a Ajuda aos Refugiados e o Repatriamento, Cox's Bazar:**

Equipa de engenharia do WFP, *gestão da construção*

Protap Biswas, *engenheiro de obra*

Comunidades locais de Ukhiya, *trabalhadores diários*

Alamgir, *carpinteiro, construtor*

Mohammad Akhter Hossain, Mamun Engineering, *fabricante de aço*

### **Laboratório de materiais do WFP, Centro de Modhuchhara, Ukhiya:**

Equipa de engenharia do WFP, *gestão da construção*

Protap Biswas, *engenheiro de obra*

Comunidades locais de Ukhiya, *trabalhadores diários*

Alamgir, *carpinteiro, construtor*

Mohammad Akhter Hossain, Mamun Engineering, *fabricante de aço*



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### Dados do Projeto

Localização	Número de unidades	Área total de pavimentos (m²)	Custo US\$	Construção
Daca	1	12	250	2020
Char Hijla	4	18.4-22.3	250-290	2021
Taherpur	14	18.4	410-490	2022
Kurigram	20	18.4	410-490	2022-23
Char Shildaha	23	18.4	410-490	2022-23
Ponto de distribuição de alimentos do WFP, Camp 9, Ukhiya	2 (4 módulos)	770	60 000 (custo total do projeto)	2021-23
Espaço amigo das mulheres, Camp 9, Ukhiya	1 (4 módulos)	409	16 530 (custo total do projeto)	2021-23
Centro comunitário liderado por mulheres Camp 8E, Ukhiya	1 (5 módulos)	440	18 185 (custo total do projeto)	2021-23
Residência MTA	1 (3 módulos)	90	3305 (custo total do projeto)	2021
Centros de agregação do WFP, Teknaf	2 (4 módulos)	120-165	12 400 (custo total do projeto)	2023
Unidade modelo RRRC	1	41.8	2480 (custo total do projeto)	2022
Laboratório de Materiais, WFP, Ukhiya	1	41.8	2000 (custo total do projeto)	2021



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### **Marina Tabassum Arquitetos**

Marina Tabassum é uma arquiteta e educadora do Bangladesh que fundou o ateliê Marina Tabassum Arquitetos (MTA) em Daca, em 2005. A sua filosofia arquitetónica centra-se na criação de projetos contemporâneos profundamente enraizados em contextos ecológicos, culturais, históricos e climáticos. O trabalho de Tabassum dá ênfase à sustentabilidade e a uma forte ligação ao local, procurando aquilo a que chama “Arquitetura da Relevância”.

Um dos seus projetos mais aclamados, a Mesquita Bait Ur Rouf, foi reconhecida pelo *The New York Times* como uma das “25 obras mais significativas da arquitetura do pós-guerra” em todo o mundo. Por este projeto, foi-lhe atribuído o prestigiado Prémio Aga Khan para a Arquitetura em 2016. Outra obra notável é o Museu e Monumento da Independência do Bangladesh, projetado em 1997.

Para além da sua profissão como arquiteta, Tabassum é educadora, sendo atualmente professora na Universidade de Tecnologia de Delft, nos Países Baixos. Lecionou como professora convidada em várias universidades importantes, incluindo Yale, Harvard GSD, Universidade de Toronto, Universidade do Texas e Universidade BRAC. Foi também diretora académica do Instituto de Bengala, de 2015 a 2021.

Tabassum é ativa em causas sociais, presidindo à Prokritee, uma organização de comércio justo que apoia mais de 5000 mulheres artesãs no Bangladesh. Criou também a Fundação para a Arquitetura e Igualdade Comunitária (FACE). Reconhecida internacionalmente, recebeu prémios como a Medalha Soane (Reino Unido) e a Medalha de Ouro da Academia Francesa de Arquitetura.



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

2025

---

### PROJETOS VENCEDORES

#### **Centro Comunitário de West Wusutu Village**

*Hohhot, Mongólia Interior, China*

A presença de longa data da comunidade Muçulmana Hui da China em torno da capital da Mongólia Interior, Hohhot, é evidenciada pela sua Grande Mesquita do início do Século XVII - uma das onze mesquitas da cidade. No entanto, os residentes Hui da vizinha West Wusutu - oficialmente reconhecida como uma “Aldeia Característica de uma Minoria Étnica” exemplar e pluralista - não dispunham de uma mesquita ou centro comunitário a uma distância razoável a pé. Muitos dos nativos em idade ativa da aldeia emigram para as cidades. Por outro lado, as suas abundantes flores de alperce e a paisagem montanhosa há muito que atraem um fluxo regular de artistas visitantes.

Uma iniciativa governamental de revitalização rural iniciada em 2018 viu vários edifícios vernaculares devolutos serem transformados em instalações para artistas, enquanto outros foram demolidos. Entre os arquitetos envolvidos estava Zhang Pengju, cuja relação com os residentes fez dele a escolha natural quando obtiveram autorização para a construção de um espaço cultural e social no local de um antigo templo budista. Os habitantes da aldeia e os artistas angariaram em conjunto os fundos necessários. O projeto demorou apenas sete meses desde a conceção até à conclusão, ficando abaixo do orçamento modesto que tinha sido estabelecido. A abordagem de construir o projeto quase inteiramente com tijolos recuperados de demolições anteriores foi fundamental para o seu baixo custo.

Um café e um restaurante de bairro abrem diretamente para a rua lateral. O acesso às restantes instalações faz-se através de um estreito corredor de entrada que conduz diretamente ao pátio circular descentrado. Constituindo o coração da geometria sofisticada do projeto, a sua área central afundada pode ser transformada numa piscina temporária através de um mecanismo que bloqueia o canal de drenagem das águas pluviais. A partir do pátio, a circulação dos visitantes é fluida, sem divisões sólidas entre os espaços. No entanto, é coreografada de tal forma que os forasteiros que vêm para eventos culturais ou exposições de arte dificilmente perturbam as atividades comunitárias dos habitantes locais - *mahjong* ou cartas para a geração mais velha, cerâmica para os jovens.

Rompendo a forma circular do pátio, uma escadaria conduz a um terraço no telhado, onde os degraus com assentos convidam ao convívio e de onde se pode assistir a espetáculos no pátio inferior. Este é também um local para as crianças brincarem, e as formas das quatro torres de ventilação - que estão ligadas a um sistema de refrigeração subterrâneo - tornam este espaço aberto divertido e intrigante, para além de assinalarem a presença do centro à distância.

O centro já impulsionou a economia local, atraindo mais turistas e provocando a abertura de novas pensões e restaurantes.





## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### ***Citação do Júri***

“O Centro Comunitário de West Wusutu Village muda o paradigma do projeto de arquitetura contemporâneo para além dos resultados finais estéticos e baseados em objetos, orientando-o para a tradução das necessidades diárias da comunidade dos utilizadores num veículo arquitetónico bem concebido. A dinâmica deste projeto melhora significativamente a interação social, a experiência cultural e a resiliência ambiental. Assim, ao integrar diversos utilizadores e abraçando uma elevada articulação multifuncional através dos seus espaços fluidos, o centro gerou um valioso microcosmo comunitário partilhado e inclusivo num macrocosmo humano rural.

O desempenho arquitetónico do projeto baseia-se na integração de múltiplas atividades comunitárias, não através de espaços funcionais rígidos e confinados, mas sim através de um pátio circular permeável no seu núcleo. Para além da sua forma tangível, este pátio orchestra a circulação contínua e a orientação para diferentes divisões, abertamente ligadas entre si. Com uma rampa que liga o rés-do-chão e o telhado como um espaço público contínuo, o conjunto arquitetónico repensa engenhosamente as noções de espaços públicos e privados, bem como as fronteiras rígidas entre níveis.

Assim, demonstra como o *design* pode ser sensível e sensato num ambiente rural aberto, encapsulando as interações comunitárias dos aldeões num envelope físico compacto para gerar inclusão, resiliência, sustentabilidade e bem-estar. O projeto segue uma estratégia de articulação espacial que foi cuidadosamente traduzida através de uma forma material, tendo no entanto o cuidado de não cair numa dicotomia de espaço versus função.

Para além da sua forma altamente otimizada, a estrutura apresenta um marco transcendente e impactante na paisagem da aldeia. A arquitetura tira partido da beleza do seu ambiente natural, com vistas para as montanhas de Daqing, mantendo-se ancorada ao local pelas árvores sobreviventes como um marco da memória coletiva dos habitantes da aldeia.

Em termos tectónicos e de viabilidade, o Centro Comunitário de West Wusutu Village adota uma geometria clara e não alienante, em que a permeabilidade horizontal e vertical é exemplar. Enquanto as torres de arrefecimento melhoram a estética global da envolvente, também ligam os sistemas de ventilação para melhorar o desempenho passivo. Além disso, a reutilização em grande escala de tijolos transmite uma mensagem crítica de sustentabilidade - especialmente num contexto rural, onde a natureza é predominante.”

### ***Dados do projeto***

#### **CLIENTE**

Comunidade local, Hohhot, China:

Haifeng Li, *líder da comunidade*

Cheng Guo, *agente de ligação ao projeto*



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### ARQUITETOS

Inner Mongolian Grand Architecture Design Co., Ltd., Hohhot, China:

Zhang Pengju, *arquiteto principal*

Wenjun Zhang, *arquiteto no local*

Lili Huang, Zhonglong Ren, *arquitetos assistentes*

Xin Zhou, *engenheiro de estruturas*

Runing Tang, *engenheiro mecânico*

Haichun Ma, *engenheiro eletrotécnico*

Escola de Arquitetura, Universidade de Tecnologia da Mongólia Interior, Hohhot, China:

Xiaoming Su, *especialista em física de edifícios*

### COLABORADORES

Academia de Pintura a Óleo da Mongólia Interior:

Jiangze Gao, *representante dos artistas*

Faculdade de Arte da Mongólia Interior:

Sr. Asibagen, Yong Li, Yufeng Yun, Danqing Shi, Lina Wang, Kun Zhang, *artistas*

Pioneer College, Universidade da Mongólia Interior:

Pengqian Jiang, *artista*

Escola de Medicina e Nutrição de Hohhot:

Zhiyong Huang, *artista*

Pei Yang, *operador de bar e restaurante*

### EMPREITEIROS

Inner Mongolia Yinglihong Construction and Installation Co., Ltd.

Zaisheng Niu, *supervisor de construção e gestor de projeto*

Zhan Gao, Jun Xie, Jianguo Zhang, *artesãos*

Tianxi Bu, Yongmao Du, Wei Gao, Sr. Jiliabi, Sr. Jiliweiri, Zaizai Liu, Jungqing Niu, Ermao Qin,

Zhigang Xing, Huibing Zhang, Ping Zhao, Ruifeng Zhao, Xiangfu Zhao, *artesãos*

### Dados do projeto

Área do terreno: 2346 m<sup>2</sup>

Área do rés-do-chão: 1276 m<sup>2</sup>

Área da cobertura: 786 m<sup>2</sup>

Custo: 443 000 US\$

### Calendário

Comissão: Janeiro de 2023

Conceção: Janeiro - Maio de 2023

Construção: Agosto de 2023

Ocupação: Setembro de 2023



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### **Inner Mongolian Grand Architecture Design Co., Ltd**

A Inner Mongolian Grand Architecture Design Co., Ltd. é conhecida por criar uma arquitetura que combina elementos culturais tradicionais da Mongólia com um *design* sustentável e sensível ao contexto. A empresa centra-se em projetos responsáveis do ponto de vista ambiental e cultural, como o Centro Comunitário de Zhengxiangbaiqi Grassland e o Museu do Condado de Hohhot Qingshuihe. O seu trabalho integra a arquitetura tradicional com abordagens inovadoras para satisfazer as necessidades modernas, refletindo um profundo respeito pelo património local e pela envolvente natural.

Zhang Pengju é o principal arquiteto-chefe da Inner Mongolian Grand Architecture Design Co., Ltd. e professor na Universidade de Tecnologia da Mongólia Interior. É também presidente do Comité de Nova Arquitetura Regional da Sociedade de Arquitetura da China e diretor do Laboratório Internacional Conjunto para Colonatos Humanos na Zona da Estepe Eurasiática. Com mais de quatro décadas de experiência enraizada na Mongólia Interior, Zhang dedicou a sua carreira à investigação e desenvolvimento da arquitetura regional em áreas remotas do noroeste da China. A sua filosofia de conceção dá ênfase à herança da tradição, à integração com a natureza e à adoção de métodos de construção de baixa tecnologia.

Zhang publicou mais de oitenta artigos académicos e monografias e liderou a conceção de mais de 200 projetos de arquitetura. O seu trabalho foi reconhecido por muitos prémios de prestígio, incluindo a Medalha de Ouro ARCASIA, o Architecture MasterPrize (AMP) e os International Architecture Awards.



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

2025

---

### PROJETOS VENCEDORES

#### **Revitalização da Esna Histórica**

*Esna, Egito*

Situada junto ao Nilo, a cerca de 60 quilómetros a sul de Luxor, Esna é mais conhecida pelo seu templo dedicado ao deus criador do Antigo Egito, Khnum, com cabeça de carneiro. O tecido urbano denso e rico em camadas da pequena cidade - desde os períodos greco-romano, copta, islâmico/fatimida e mameluco/otomano até à arquitetura doméstica vernacular dos Séculos XIX e XX - testemunha milénios como centro comercial e cultural. No entanto, todo o seu núcleo histórico tinha sido marcado pelo governo para ser demolido, tendo ficado perigosamente frágil devido à degradação, uma vez que uma barragem fluvial construída nos anos 90 tinha provocado uma redução de 95% no turismo de cruzeiros de que dependia.

O organismo nacional de planeamento do Egito convidou a empresa de desenvolvimento urbano Takween, sediada no Cairo e com experiência em reabilitação participativa, a oferecer uma visão alternativa. A estratégia que conceberam para salvar este precioso património vivo é uma acupuntura urbana discreta mas transformadora: pequenas intervenções no tecido urbano vivo, combinando sustentabilidade cultural com desenvolvimento económico inclusivo.

A fase inicial, intitulada Rediscovering Esna's Cultural Heritage Assets (RECHA), recebeu financiamento da USAID - a primeira de uma iniciativa de património cultural liderada pelo Egito. Centrou-se no restauro e/ou na reutilização adaptativa de cerca de 20 estruturas históricas importantes, empregando as técnicas tradicionais da região - desde o tijolo de barro ao reboco de cal, aos azulejos de terracota e à talha fina - e utilizando materiais recuperados sempre que possível. Entre estas estruturas estão o Wakālat al-Geddāwī - uma hospedaria do Século XVIII que estava fechada ao público desde 1951 - e o vasto Mercado Qīsāriyya, com as suas 144 lojas, frequentado tanto por locais como por visitantes. O Templo de Khnum também foi modernizado, melhorando a acessibilidade e os serviços públicos do local, que está afundado cerca de 10 metros abaixo do nível atual do solo.

Uma segunda fase, Value Investment in Sustainable Integrated Tourism in Esna (VISIT-Esna), continuou a estabelecer um quadro mais vasto de revitalização urbana socioeconómica através do desenvolvimento de pequenas e microempresas, a par de serviços turísticos e de marcas culturais. Duas das novas empresas são inteiramente lideradas por mulheres - o restaurante Okra Kitchen, que serve pratos locais distintos que os visitantes não encontrarão noutras partes do Egito, e uma oficina de carpintaria - capacitando muitas mulheres que anteriormente não tinham emprego remunerado.

Um modelo de desenvolvimento sustentável da base para o topo, o projeto inverteu o declínio de Esna e criou centenas de postos de trabalho duradouros para os habitantes locais, revitalizando ofícios antigos e transmitindo-os a uma nova geração. Desde o seu lançamento, o número de visitantes triplicou.



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### ***Citação do Júri:***

“A iniciativa para revitalizar a zona histórica de Esna ultrapassa os limites habituais de um projeto de conservação urbana que é formalmente enquadrado com antecedência e, em vez disso, apresenta uma estratégia ascendente através de um projeto inclusivo e socialmente estruturado para melhorar gradualmente o ambiente patrimonial. Assim, os residentes desempenham um papel importante na manutenção da sinergia urbana através do seu património vivo, desencadeando uma dinâmica regenerativa sustentável no que se tornou um tecido construído degradado.

Ao restaurar ou reutilizar edifícios - comerciais, residenciais e espirituais - o projeto está a estimular todo um metabolismo urbano histórico a enfrentar o desafio contemporâneo de melhorar as condições humanas e as infraestruturas de trabalho dos artesãos. As suas iniciativas orientadas para a comunidade são um catalisador para a melhoria da economia local através de pequenas e microempresas. Assim, o projeto faz eco da tecnologia e do saber-fazer locais através de pequenos resultados inovadores e cumulativos para gerar ativamente a conservação do núcleo urbano, a identidade da cidade, o dinamismo cultural e a resiliência económica.

Ao fazê-lo, o projeto muda claramente o paradigma da conservação urbana para outro nível, dando prioridade ao papel da inteligência coletiva dos residentes na transformação do seu ambiente construído problemático e abandonado. Em vez de abordar apenas os monumentos e outros tecidos históricos tangíveis, a tónica é também colocada no capital cultural intangível como alavanca para revitalizar as dimensões material e imaterial.

O principal ganho da revitalização do centro histórico de Esna é a forma como reativa os espaços históricos através de ações incrementais e cumulativas para criar sinergias com os potenciais sociais, culturais, ambientais e económicos através do engenho da comunidade. Assim, introduz a inovação social como uma ferramenta criativa para a modernização urbana, como a iniciativa gerida por mulheres Okra para a inclusão do género e o crescimento económico local.

Com a sua abordagem altamente participativa em relação à conservação do património urbano, o projeto tornou-se o primeiro “plano de conservação” para uma área urbana não monumental a ser aprovado pelo Governo do Egito. Sem precedentes na sua combinação de reutilização adaptativa com a capacitação da comunidade, ao mesmo tempo que estimula a economia local, poderá trazer equilíbrio às estratégias e políticas de conservação do património do Egito, que de outra forma seriam mais formais.”

### ***Dados do Projeto***

#### **CLIENTES**

Ministério do Turismo e das Antiguidades, Cairo, Egito

Província de Luxor, Luxor, Egito

Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), Cairo, Egito,  
*principal doador e parceiro estratégico*



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### PATROCINADORES

Governo dos Estados Unidos da América, *apoio financeiro*

Governo dos Países Baixos, *apoio financeiro*

Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID), *apoio financeiro*

Proprietários de MPME de base comunitária, Esna, Egito, *apoio financeiro*

Província de Luxor, *apoio financeiro*

### ARQUITETOS

Takween Integrated Community Development, Cairo, Egito:

Kareem Ibrahim, *diretor-geral, chefe de projeto*

Nevine Akl, *diretora de conceção e gestão da conservação*

Sherine Zaghow, *diretora de turismo e desenvolvimento socioeconómico*

Ahmed al-Biblawi, *diretor de conservação e reabilitação do local*

### LIDERANÇA DO PROJETO

Yasser Ahmed, *diretor-adjunto do projeto*

Youmn Faisal, *arquiteto sénior*

Khadiga Farouk, *arquiteto sénior*

Amr al-Qamary, *arquiteto sénior*

Yasser al-Shahhat, *conservador sénior*

Hisham al-Komy, *conservador sénior*

Taha Said, *conservação, engenheiro de obra*

Sultan Sadek, *reabilitação, engenheiro de local*

Mohsen Mikhael, *diretor de programas*

Zeinab al-Bakry, *oficial de ligação com a comunidade e o governo*

Asmaa al-Gendy, *responsável pela comunidade*



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### CONSULTORES DE PATRIMÓNIO E DE PROJETOS

May Al-Ibrashy, *consultora de conservação*

Amr Ibrahim, *consultor de marketing e promoção do turismo*

Maissa Moustafa, *consultora de experiências turísticas e interpretação* Carol Westrik, *consultora do património cultural imaterial*

Mamdouh Sakr, *consultor para o desenvolvimento do artesanato*

### CONSULTORES DE MARKETING, *BRANDING* E DESENVOLVIMENTO EMPRESARIAL

CID Consulting, Cairo, Egito

Tandem Branding, Cairo, Egito

Marian Nosshi, *consultora de exposição de produtos*

Yousry Zaghow, *consultor de hotelaria*

Omar Marsafy, *consultor gastronómico*

Digital Experts, Cairo, Egito

Gemini Africa, Cairo, Egito

### CONSULTORES ESTRUTURAIS E GEOTÉCNICOS

Al-Madina Consulting Office, Cairo, Egito:

Mohamed Al-Esawy

NileConsult, Cairo, Egito

Gabinete de Engenharia de Consultoria Geotécnica e Estrutural, Cairo, Egito

### CONSULTOR ELETROMECAÂNICO

Infra Group Consultants, Cairo, Egito



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### EMPRESAS E MARCAS DE BASE COMUNITÁRIA

Al-Tayeb Mehrez e Khaled Hashim, *coproprietários, SEBA Bazaar*

Essam Moustafa, *proprietário, Khnum Bazaar*

Moustafa Abo-Douh, *proprietário, Fakher Stamps*

Wael Yousry, *proprietário, Yousr Bazaar*

Hussein Ali, *proprietário, Ali Baba Bazaar*

Ahmed Abdel-Ghaffar, *proprietário, Tayet Bazaar*

Hussien Saad, *proprietário, Tabarak (Iron Man) Bazaar*

Emad Abdel-Qader, *proprietário, Kings T-shirt Bazaar*

Omar Abdel-Mottaleb, *proprietário, The Pottery House*

Abdel-Raouf Tahsin, *proprietário, The Art House*

Omar Abdel-Wahab, *proprietário, Omar's Cafe*

Ramadan Mohamed, *proprietário, Ramadan Restaurant*

Hamada Al-Nouby, *proprietário, Zalabya Dessert Cart*

Mohamed e Aboul-Hassan Hassan, *co-proprietários, Restaurante Al-Hagga*

Khaled Al-Fakharany e Alaa Tafoury, *co-proprietários, Hotel Al-Salam*

Osama Mohamed, *proprietário, Hotel Al-Haramain*

Coletivo local de mulheres, *Okra - iniciativa Esna Women's Kitchen*

Coletivo local de mulheres, *Karoot - Iniciativa de oficina e sala de exposição de madeira liderada por mulheres*

### COMUNICAÇÃO DOS PROJETOS E PROGRAMAS CULTURAIS Farah Mansour, *gestora de comunicação*

Youssef Halim, *designer gráfico*

Moustafa Zohdy, *designer gráfico*

Ahmed al-Zanaty, *interpretação, designer gráfico*

Ahmed Moustafa, *fotógrafo*

Samar Ramadan, *fotógrafo*

Mohamed Salama, *responsável pela comunicação*

Karim Badr, *investigador*

Pakinam Khalil, *investigador*

Rehab Sakr, *responsável pela interpretação*



O projeto contou com a participação de mais de 100 intervenientes de várias áreas de especialização.

### **Dados do projeto**

Área do terreno: 107,100 m<sup>2</sup>

Área do rés-do-chão: 107,100 m<sup>2</sup>

Área total de construção: 107,100 m<sup>2</sup>

Custo: 8.800.000 US\$

### **Calendário**

Comissão: Outubro de 2016 - em curso

Conceção: Fevereiro de 2017 - em curso

Construção: Julho de 2018 - em curso

Ocupação: Agosto de 2021

### **Takween: Desenvolvimento Comunitário Integrado**

A Takween: Desenvolvimento Comunitário Integrado, fundada em 2009, é uma empresa egípcia de desenvolvimento urbano premiada, liderada por uma equipa com 30 anos de experiência. A sua missão é capacitar as comunidades através de soluções inovadoras, orientadas para a investigação e práticas. Centra-se na criação de espaços urbanos inclusivos que são sustentáveis e respondem às necessidades específicas de cada ambiente construído, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida dos residentes em todo o Egito.

Para além da consultoria tradicional, a Takween é especializada na elaboração de serviços de desenvolvimento urbano integrado, incluindo investigação e documentação aprofundadas, desenvolvimento de programas personalizados, implementação de projetos e desenvolvimento de capacidades. Todos estes serviços estão centrados tanto na melhoria do ambiente construído como no desenvolvimento socioeconómico. Esta abordagem holística capacita as comunidades ao mesmo tempo que melhora os espaços físicos. Apoiada por unidades especializadas em conceção e planeamento, implementação de projetos e investigação urbana, a equipa diversificada da Takween, composta por mais de 40 profissionais, assegura intervenções integradas e de elevado impacto.

Até à data, a Takween tem colaborado com numerosas instituições locais e internacionais, realizando com sucesso mais de uma centena de projetos em todo o Egito.



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

2025

---

### PROJETOS VENCEDORES

#### **Complexo Majara e Requalificação Comunitária**

*Ilha de Ormuz, Irão*

Um quinto do abastecimento mundial de petróleo é transportado através do Estreito de Ormuz. Há muito tempo atormentada pelas tensões políticas e militares inerentes a uma posição tão estratégica, a população da Ilha de Ormuz, com menos de 6000 pessoas, vivia principalmente da pesca e do tráfico ilegal de mercadorias. Reconhecendo o seu potencial para o turismo ecológico, em 2008, um grupo de artistas iranianos liderado por Ali Rezvani lançou na ilha um evento anual de *land-art* chamado “Soil Carpet”, utilizando cores naturais das suas montanhas e vales espetacularmente coloridos. Infelizmente, este evento não trouxe o impulso económico esperado, tendendo apenas a atrair excursionistas e mochileiros devido à natureza básica dos alojamentos disponíveis.

Em busca de uma estratégia mais estruturada, recorreram ao produtor artístico Tehrani Ehsan Rasoulof, que trouxe a bordo uma equipa multidisciplinar de especialistas, incluindo a ZAV Arquitetos. A nova abordagem, também conhecida como “Presença em Ormuz”, começou com pequenas intervenções graduais de arquitetura e urbanismo, para permitir que a comunidade se desenvolvesse organicamente.

Para incentivar a interação entre os ilhéus e os forasteiros, foi então construído o Centro Cultural Rong, junto ao cais onde chegam os turistas. É composto por duas cúpulas - uma com um café que serve pratos do sul do Irão e a outra com um centro de visitantes - ligadas por uma faixa de bancos em degraus que serve de local de encontro social ou de ponto de observação para atividades culturais ao ar livre. A técnica de construção, conhecida como “superadobe”, envolveu colocar em camadas sacos cheios de terra local, areia e um pouco de cimento para coesão, reforçados com aço e cobertos com um acabamento à base de cimento resistente às intempéries. Com mão-de-obra intensiva, mas com o baixo custo do material, é um método que favorece as oportunidades de emprego e foi executado por habitantes locais com formação na área.

O mesmo método de construção foi utilizado para criar o maior elemento da iniciativa, o Complexo Majara: um complexo sem portas composto por 200 cúpulas de vários tamanhos, cujas formas recordam tanto as montanhas como as estruturas locais de armazenamento de água. As suas cores também ecoam as paisagens - embora com tinta artificial, evitando a utilização excessiva de recursos naturais. Interligados em grupos com caminhos que serpenteiam à volta e por cima deles, acolhem alojamentos para até 75 hóspedes e 10 residências artísticas, além de espaços de serviço e funções abertos a todos, desde restaurantes e lojas de arte/artesanato a um espaço de culto e uma biblioteca pública.

Ainda em curso, o projeto inclui agora o Typeless, um centro simples e flexível utilizado principalmente para atividades relacionadas com a monitorização do impacto global da iniciativa, e o Ozar, um antigo fragmento de barco transformado numa instalação móvel de projeção de filmes entre novos elementos.



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### ***Citação do Júri:***

“Inseridos num contexto geológico de cortar a respiração, que remonta a milhões de anos, estes projetos na Ilha de Ormuz, no Irão, estão enquadrados numa vasta cadeia montanhosa caracterizada por coloridos minerais e depósitos de sal. Assim, ao mesmo tempo que estão intrinsecamente georreferenciados ao local, estão significativamente inseridos no tecido social e cultural da terra.

O projeto pode ser entendido como um arquipélago vibrante e colorido de programas variados que servem para definir gradualmente um modelo verdadeiramente alternativo para o turismo neste contexto e também para além dele. No seguimento da sua primeira nova estrutura - a simples organização de visualização e interpretação denominada Centro Cultural Rong – o Complexo Majara apresenta uma oferta no âmbito de uma indústria global em crescimento. Optando por não seguir uma tipologia hiperluxuosa e exigente em termos de recursos, o complexo inclina-se para uma estrutura pluralista e inclusiva que contraria o excesso e se torna parte de um processo evolutivo de crescimento orientado para a comunidade.

Construído predominantemente com recurso a um sistema estrutural de “superadobe” de sacos de areia, a par de processos de construção mais convencionais, o projeto explora sistemas de conhecimento que potenciam tanto os conhecimentos locais como os conhecimentos globais mais vastos, realizados com a comunidade. Complementa o carácter remoto de Ormuz com um conjunto abrangente de soluções fora da rede que reduzem a pressão sobre os limitados recursos energéticos e hídricos da ilha.

Para além das novas estruturas, que incluem o edifício Typeless utilizado em grande parte para atividades relacionadas com o acompanhamento do impacto do projeto, as intervenções de acupunctura urbana em curso na cidade de Ormuz, são outro ponto forte da iniciativa.

Embora o projeto do Complexo Majara tenha conquistado muitos prémios e tenha recebido atenção mundial nos meios de comunicação social, o que tendeu a não ser dito até agora é a forma como se situa na intersecção entre a geologia, a vida comunitária e o turismo - uma indústria que pode ser tão destrutivamente globalizante. Na sua profunda sensibilidade ao contexto, este projeto exemplifica como a arquitetura se pode tornar uma força formidável de otimismo e determinação rigorosa para mudar o pêndulo social, cultural e material.”



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### *Dados do projeto*

#### CLIENTES

Ehsan Rasoulof, Ali Rezvani

#### ARQUITETOS

#### ZAV Arquitetos, Teerão, Irão:

Mohamadreza Ghodousi, Fatemeh Rezaei, Golnaz Bahrami, Soroush Majidi, *projetistas principais*

Payman Barkhordari, Sheila Ehsaei, Soroush Majidi, *supervisores*

Payman Barkhordari, Sheila Ehsaei, Sara Jafari, Hossein Panjehpour, Mohsen Safshekan, Kaveh Rahidzadeh, *assistentes de design*

Fereshteh Assadzadeh, Sara Fallahzadeh, Arshia Hashemipour, Dorsa Tavakoli, Somayeh Saeidi, *apresentação*

#### ENGENHEIROS

Farhad Beigi, *engenheiro civil*

Pejman Moradian, *engenheiro eletrotécnico*

Saeid Afsharian, *engenheiro mecânico*

#### EMPREITEIROS

Amir Tehrani Nobahari, *construtor do projeto*

Hormat Ghasemi, *diretor de construção*

Ramin Koulaghani, Amin Timas, *diretores-adjuntos de construção*

Davoud Etamadi, *construtor de pisos*

Javad Irandegani, Hamid Haji Post-e-Gol, *construtor mecânico*

Mehra Company, *construtor de fenestração*

Gholamali Abbasi, Esmaeil Salimi, *estucadores*

Farzad Moharami, *pintor de construção*

Nabiollah Timas, Borhan Pouyan, Ali Ghanbari, Ayoub Owj Hormozi, Khalil Owj Hormozi, Abdolhamid Hormozi, Davoud Hormozi, Ali Ghalandari Zehi, Farhad Shadan, Assad Gedri, Abbas Gedri, Ali Ghazi, Majid Bazmandeh, Ali Nasernia, Rahmat Ghalandari, Davoud Mohtaji, Morteza Mohtaji, Mohammad Vahedi, Mosayeb Zarei, Kambiz Naroui, Yasser Naroui, Nassir Naroui, Din Mohammad Naroui, Mojtaba Farhadi, Abbas Nasaji, Esfandiar Khorshidi, Khoubyar Khorshidi, Jalal Bameri, Ghassem Bameri, Enayat Karami, Reza Amirian, Eshgh Ali, Nabi Akrami, Mohammad Moallemi, Sajad Gholampour, Seyfollah Rasouli, Ali Golzari, Soheil Khedmatkari, Hosein Zohouri, *equipa de construção*



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### CONSULTORES

Behrang Baniadam, Rouhi Touski, *design estrutural*

Estúdio de arquitetura Contextlogic, Teerão, Irão:

Morteza Adib, Maryam Yousef, *consultores paisagísticos*

Salman Rasouli, Roya Yazdizadeh, *consultores ambientais*

Taraneh Behboud, Sara Nikkar, Mohsen Dehghan, Sara Jafari, *designers de interiores*

Tajang Light, Teerão, Irão:

Nima Bayat, *consultor de iluminação*

Nasim Mosavar, *consultor de alojamento*

Matbakh Ara, *fabrico culinário*

### Dados do projeto

Nome do projeto	Área do terreno (m²)	Área do rés-do-chão (m²)	Área total do piso (m²)	Custo US\$
Centro Cultural Rong	2,000	200	300	16,000
Complexo Majara	10,300	4,000	4,300	1,000,000
Typeless	477	180	550	35,000
			<b>5,150</b>	<b>1,051,000</b>

### Calendário

Nome do projeto	Comissão	Conceção	Construção	Ocupação
Centro Cultural Rong	2015	2015-16	2016-17	2017
Complexo Majara	2017	2017	2017-20	2020
Typeless	2019	2019	2019-21	2021



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### **ZAV**

ZAV é um ateliê de arquitetura sediado em Teerão, fundado em 2006 por Mohamadreza Ghodousi e pelo seu antigo sócio Parsa Ardām. O gabinete explora a forma como a inovação arquitetónica pode incorporar a resiliência em resposta aos desafios sociopolíticos e económicos, incorporando processos que ultrapassam os limites convencionais da disciplina. O ZAV inspira-se nas práticas tradicionais iranianas de desenvoltura, como a confeção de tapetes, que transformam recursos simples, disponíveis e muitas vezes negligenciados em produtos valiosos - abraçando as imperfeições e as realidades que elas refletem. Esta abordagem é autossuficiente e enraizada no presente - para o aqui e agora.

O ZAV ganhou atenção nacional pela primeira vez com a Casa Barbad Fruit (2008, destaque no *The New York Times*) e o hotel Pedari Guest House (2011), estabelecendo-se como um ateliê jovem com uma voz distinta. Nos anos que se seguiram, tornou-se uma figura proeminente na cena arquitetónica alternativa do Irão através de projetos como o Habitat para Raparigas Órfãs (2014), o Estúdio Farsh Film (2017) e o Centro Cultural Rong (2017), trabalhando em todo o Irão e envolvendo comunidades e subculturas locais.

Tendo recebido vários prémios internacionais, o ZAV ganhou um reconhecimento global mais amplo com o Complexo Majara (2020) e continua a expandir a sua presença internacional.



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

2025

---

### PROJETOS VENCEDORES

#### **Jahad Metro Plaza**

*Teerão, Irão*

A expansão urbana descontrolada e orientada para os automóveis nas quatro décadas que se seguiram à Revolução Iraniana diminuiu gravemente a habitabilidade de Teerão, e o papel que os espaços públicos desempenharam em manifestações políticas passadas alimentou a relutância das autoridades em investir neles. Com o objetivo de promover uma “cidade orientada para os peões” através de múltiplas intervenções de pequena escala, um grupo de especialistas urbanos, juntamente com membros da anterior administração municipal, embarcou num projeto intitulado “Meydangah” para identificar e ativar espaços subutilizados que pudessem ser transformados em nós urbanos vibrantes. Um dos 100 locais que identificaram foi a Jahad Metro Plaza. Para as comissões, procuraram jovens gabinetes de arquitetura - neste caso, o KA Ateliê de Arquitetura, dirigido por Mohammad Khavarian.

A ideia original era simplesmente redesenhar o pavimento em frente à entrada do metro, mas os arquitetos conseguiram defender uma intervenção com maior impacto que envolvia também a substituição do edifício da entrada. Situado no cruzamento da Rua Valiasr, que atravessa o núcleo histórico da cidade no sentido norte-sul, da Rua Dr. Fatemi e da Rua Ghazali, com os seus edifícios que remontam a iniciativas de planeamento urbano dos anos 80, o local triangular oferecia uma localização privilegiada para uma estrutura que ressoasse com o seu ambiente cultural e histórico.

Um conjunto de abóbadas entrelaçadas, simultaneamente monumentais e acolhedoras, transformou a entrada do metro num centro social para todas as condições climatéricas que amortece o ruído do tráfego. Numa série de espaços interiores ou exteriores que oferecem diferentes níveis de intimidade, as pessoas podem fazer uma pausa para descansar, reunir-se para conversar ou ouvir músicos de rua. As diferenças nas alturas das abóbadas tornam o edifício permeável ao ar e à luz, ao mesmo tempo que estabelecem fortes ligações visuais e funcionais entre os níveis do local.

A construção foi concluída de forma económica em apenas sete meses, utilizando uma estrutura modular de malha de aço sobre a qual foram aplicados tijolos tradicionais, feitos à mão na oficina local do empreiteiro principal - uma técnica familiar que não requer competências especializadas. Variações subtis na alvenaria fazem referência à história iraniana de padrões geométricos de tijolo. Para resistir ao vandalismo, não há mobiliário solto e a iluminação está embutida nos tetos e nas paredes.

A praça em frente é organizada para vendedores ambulantes, incluindo imigrantes afegãos que anteriormente trabalhavam ilegalmente e que agora podem continuar a trabalhar num ambiente seguro e oficialmente aprovado.



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### ***Citação do Júri:***

“Com 159 estações e uma extensão de mais de 250 quilómetros, o Metro de Teerão é um dos mais extensos do mundo, transportando milhões de passageiros todos os dias. Enquanto infraestrutura urbana crítica, a funcionalidade e a atratividade do Metro são preocupações centrais para o município, o cliente deste projeto.

A remodelação da entrada da estação transformou um ponto de acesso outrora convencional e modesto num espaço público aberto: uma praça que favorece a passagem, os encontros e os eventos. Ao contrário da estrutura anterior, que fechava as escadas ao nível do solo, o novo projeto abre a estação ao céu e ao bairro, convertendo as antigas áreas de escadas numa zona pedonal com acesso direto à rua e melhorando a acessibilidade.

A ampla fachada melhora a ventilação e proporciona um espaço acolhedor para a interação pública, o comércio informal e a vida urbana, reconhecendo a necessidade dos passageiros do metro de terem um espaço para além do trânsito.

A arquitetura do projeto caracteriza-se pelo seu volume marcante e pela integração de abóbadas, arcos e formas circulares, que fazem referência ao rico património civilizacional do Irão. A utilização do tijolo reforça ainda mais esta ligação histórica, e a sua textura quente e subtil realça o estatuto da estação como um novo monumento urbano. Ao mesmo tempo, a estação integra-se na sua envolvente contemporânea, destacando-se entre os edifícios mais recentes que enquadram o local.

Esta identidade renovada confere à estação energia e distinção, estabelecendo-a como um marco no bairro e na cidade em geral. A sua localização estratégica aumenta ainda mais o seu potencial para se incorporar na memória coletiva dos residentes e visitantes de Teerão.

Em termos estéticos, o projeto baseia-se nas tradições arquitetónicas iranianas. A luz do dia penetra através de grandes aberturas no teto, iluminando o interior e melhorando a qualidade ambiental da estação. A entrada alargada permite a entrada de luz e ar, criando uma sensação de abertura e fluidez.

Através da sua força subtil, da atenção dada ao património e ao artesanato, e do seu objetivo de reavivar o espaço pedonal e a interação social, o projeto exemplifica o papel da arquitetura na formação de espaços públicos como diálogos vivos entre história, pessoas e ideias.”

### ***Dados do projeto***

#### **CLIENTE**

Município de Teerão, Teerão, Irão:

Seyed Javad Mirhosseini, *representante do projeto*

Hadi Haghbin, *representante da construção*

Majid Amani, *representante da obra*





## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### ARQUITETOS

KA Ateliê de Arquitetura, Teerão, Irão:

Mohammad Khavarian, *arquiteto principal*

Mehrasa Nikokar, *gestor de projeto*

Mohammad Ali Panahi, *projetista de estruturas*

Meghdad Amiri, *designer de iluminação*

### EMPREITEIROS

Mehdi Firouzi, *diretor de construção*

Behnood Goharbin, *construtor de tijolos*

Masoud Goharbin, *construtor de tijolos*

### Dados do projeto

Área do terreno: 1,500 m<sup>2</sup>

Área do rés-do-chão: 800 m<sup>2</sup>

Área total de construção: 1,500 m<sup>2</sup>

Custo: 200.000 US\$

### Calendário

Comissão: Março de 2020

Conceção: Fevereiro - Outubro de 2019

Construção: Novembro de 2022 - Junho de 2023

Ocupação: Junho de 2023

### KA Ateliê de Arquitetura

Mohammad Khavarian é um arquiteto iraniano e fundador do KA Ateliê de Arquitetura, um gabinete de arquitetura independente criado em 2013. O KA Ateliê de Arquitetura centra-se na criação de espaços que se relacionam com o contexto, a função e a experiência humana, ao mesmo tempo que oferece uma plataforma para a experimentação, a investigação e o desenvolvimento de protótipos arquitetónicos contemporâneos.

A abordagem de *design* do estúdio está enraizada num espírito de experimentação e exploração analítica. Ao investigar padrões espaciais e ao construir novos protótipos, o KA Ateliê de Arquitetura repensa os modelos convencionais e procura gerar arquitetura como um processo contínuo e orientado para a investigação, em vez de um produto final fixo.



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

Mohammad Khavarian dá ênfase a uma metodologia de conceção reflexiva em que o desenho, a construção e a prototipagem são vistos como ferramentas para questionar e reimaginar narrativas espaciais. O seu trabalho explora a interseção entre a vida quotidiana, as texturas urbanas e a presença material - muitas vezes com o objetivo de desafiar as expectativas através de intervenções experienciais e conscientes do local.

O KA Ateliê de Arquitetura concluiu uma série de projetos, desde edifícios de pequena escala a propostas à escala urbana, com um foco consistente na arquitetura como uma prática em evolução baseada na curiosidade, no diálogo e na inovação.



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

2025

---

### PROJETOS VENCEDORES

#### **Vision Pakistan**

*Islamabad, Paquistão*

Comovida com a situação dos jovens iletrados, desiludidos pelo sistema e sujeitos a depressão, violência e/ou toxicodependência, Rushda Tariq Qureshi decidiu dedicar os seus donativos do *zakat* (dízimo) a ajudar a mudar vidas através da formação em alfaiataria. Familiares e amigos juntaram-se a ela e, com os recursos angariados, ela criou a iniciativa Vision Pakistan.

Depois de 15 anos a funcionar em escritórios alugados, conseguiu comissionar estas instalações, concebidas à medida, em Ghauri Town, uma urbanização pós-2000 a cerca de 10 quilómetros de Islamabad. Para além da formação profissional, o seu programa holístico com a duração de um ano fornece refeições, ensina literacia e utiliza as tarefas diárias para incutir competências para a independência social, tais como o pensamento crítico, a gestão do tempo, o asseio e a tolerância, ao mesmo tempo que incentiva uma compreensão do Islão centrada na paz.

O arquiteto escolhido por Qureshi foi Mohammad Saifullah Siddiqui, que tinha projetado a casa da família dela. Juntos, chegaram rapidamente a acordo sobre um plano eficiente para albergar cinco salas de aula flexíveis, uma sala de jantar, espaços recreativos, gabinetes de gestão, áreas de exposição, duas lojas e uma zona de oração no telhado com uma horta mantida pelos alunos. As lojas oferecem aos estudantes a oportunidade de receberem as suas primeiras encomendas comerciais e alguns espaços podem ser alugados, para garantir a sustentabilidade financeira. O sistema estrutural - estrutura de betão *in situ* com enchimento de tijolo - é resistente a sismos. Um átrio com uma escadaria de altura tripla, com uma árvore-âncora alta e outros elementos verdes, unifica os espaços e, juntamente com as janelas operáveis, ajuda a promover a ventilação passiva.

Embora Qureshi tenha sugerido primeiro a arquitetura histórica de tijolo do Paquistão como inspiração estilística, Siddiqui inspirou-se principalmente no modernismo dos anos 60 de Islamabad. As fachadas são uma grelha em camadas. As telas perfuradas das janelas (*jaalis*) conferem privacidade e um elemento de alegria. Repetidas na escadaria, estas telas foram fabricadas localmente e revestidas a pó em cores que fazem referência às características vernaculares do bairro. Cada padrão é simbólico: as *jaalis* azuis, do Islão; as verdes, dos edifícios modernistas de Islamabad; as amarelas, a aludir ao vime, do artesanato; e as vermelhas, em tecido liso, lembram a própria escola.

O cuidado com os pormenores é excecional para um projeto de tão baixo custo. A grelha continua no interior, através de finas tiras de mármore incrustadas no resistente pavimento de tijoleira, e os degraus da entrada têm guarnições de mármore - todos cortes doados localmente. Até as condutas elétricas no teto estão alinhadas com a mesma grelha.

Com 45 alunos do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 16 e os 35 anos, a beneficiarem da escola todos os anos, Qureshi espera alargar o alcance da sua iniciativa construindo uma instalação para mulheres num terreno vazio adjacente.



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### ***Citação do Júri:***

“Duas pessoas - uma educadora experiente, a outra um jovem arquiteto - trabalham em conjunto e inventam uma nova fonte de respeito, um novo centro de formação de competências, um local onde os jovens sentem que são importantes, onde os talentos ainda não descobertos serão formados e encorajados.

A educadora, Rushda Tariq Qureshi, tinha uma visão: educar, envolver os jovens e formar uma comunidade onde os estudantes se sentissem úteis e valorizados.

Ao arquiteto Mohammad Saifullah Siddiqui, da DB Studios, foi confiada a tarefa de compreender a visão de Rushda. Juntos, transformaram um terreno perto de transportes públicos e inventaram um edifício que não só conteria um novo tipo de educação, como também seria cheio de luz, espacialmente interessante, economicamente eficiente e altamente distinto.

Os dois pisos mais baixos do edifício de seis andares, com as suas montras duradouras, foram concebidos para se relacionarem com a rua principal. Distribuídas pelos pisos superiores, as salas de aula e o salão de orações, cuidados e cheios de plantas, entrelaçam-se e estão visualmente ligados através do átrio de 10 metros de altura. Os alunos veem-se uns aos outros e beneficiam do facto de poderem observar a formação e os progressos uns dos outros, conscientes de que fazem parte de uma comunidade solidária. O refeitório e a cozinha ao nível do telhado proporcionam oportunidades preciosas para um maior desenvolvimento pessoal para além do programa profissional.

A vida dentro deste cubo tridimensional é sustentada por valores ambientais estrategicamente importantes: boa luz natural, ventilação cruzada, proteção solar, baixos custos de manutenção e materiais robustos.

A expressão arquitetónica deste novo edifício é dada pela sua grelha de betão, colocada em frente das duas fachadas da rua. Esta grelha aplicada de 9 quadrados de altura e 10 quadrados de comprimento protege o interior e expressa este edifício contemporâneo para a cidade. Fá-lo reinterpretando as familiares e históricas *jaalis*, telas metálicas, tanto em vários padrões geométricos como em diferentes cores. Esta combinação de interpretação da história para fornecer uma fachada visualmente controlada, mas alegre, dá a este edifício uma superfície facilmente reconhecível e distinta.”

### ***Dados do projeto***

#### **CLIENTE**

Rushda Tariq Qureshi, Islamabad, Paquistão, *líder*

#### **ARQUITETOS**

DB Studios, Islamabad, Paquistão

Mohammad Saifullah Siddiqui, *arquiteto principal*

Mohtasim Rehman, Hamza Munir Awan, Waseem Jamal, *arquitetos assistentes*

Mian Israr Ahmad, *arquiteto paisagista*

Awais Arshad, *desenhador principal*



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### EMPREITEIROS

Abdul Waheed, *empreiteiro de construção*

Najib Khan, *diretor de obra*

### CONSULTORES

Talha Afzal, Mujeeb Ahmad, *consultores de estruturas*

Saleem Niazi, *consultor MEP*

### Dados do projeto

Área do terreno: 130 m<sup>2</sup>

Área do rés-do-chão: 158 m<sup>2</sup>

Área total de construção: 848 m<sup>2</sup>

Custo: 120.000 US\$

### Calendário

Comissão: Novembro de 2019

Conceção: Janeiro de 2020 - Outubro de 2022

Construção: Maio de 2021 - Abril de 2023

Ocupação: Maio de 2023

### DB Studios

O DB Studios foi fundado no Paquistão em 2006 pelo arquiteto Saifullah Siddiqui, licenciado pelo National College of Arts em Lahore. Desde a sua criação, o estúdio tem seguido uma filosofia de *design* sensível ao contexto e inspirada na natureza, centrando-se na maneira como a forma evolui organicamente a partir da função. O estúdio dá ênfase à arquitetura enraizada na cultura, geografia e materiais locais, criando espaços que são simultaneamente funcionais e significativos. Através de um planeamento cuidadoso e da integração da paisagem, da história e da identidade local, o DB Studios concebe ambientes que se harmonizam com a sua envolvente e melhoram a experiência do utilizador. A natureza serve como uma fonte chave de inspiração, oferecendo princípios que informam tanto a forma como a resolução de problemas. Em resposta aos desafios da identidade arquitetónica no Paquistão, o estúdio promove projetos que refletem um forte sentido de lugar em vez de imitarem tendências estrangeiras. O gabinete trabalha em estreita colaboração com os clientes para apresentar soluções eficientes e sustentáveis, contribuindo simultaneamente para o tecido social e cultural. A carteira do estúdio abrange projetos residenciais, institucionais e públicos no Paquistão e a nível internacional.

O arquiteto Saifullah Siddiqui é membro do Conselho de Arquitetos e Urbanistas do Paquistão (PCATP), do Instituto de Arquitetos do Paquistão (IAP) e antigo membro do Comité de Verificação de Projetos da CDA. O seu trabalho recebeu vários prémios, incluindo o IAP Young Architect Excellence Award (2013) e dois IAP Design Excellence Awards (2022, 2024).



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

2025

---

### PROJETOS VENCEDORES

#### **Wonder Cabinet**

*Belém, Palestina*

Explorando e promovendo novas formas de produção baseadas no rico, mas ameaçado património palestino de produção artesanal e industrial, o Wonder Cabinet é uma plataforma cultural e educacional sem fins lucrativos criada e concebida pelos arquitetos locais Elias e Yousef Anastas. Apesar de serem conhecidos principalmente pelo seu trabalho em pedra, procuraram aqui o anonimato material através da utilização de uma estrutura em grelha de betão simples e com acabamento rugoso. As fachadas frontal e traseira, envidraçadas e muito abertas, bem como o interior em plano aberto com apenas algumas divisórias de vidro, asseguram a transparência em todo o edifício e o controlo natural do clima através do fluxo de ar. A atenção centra-se inteiramente na produção, como meio de apoiar a realização dos meios de subsistência que sustentam a presença dos palestinos na Cisjordânia, e no enquadramento paisagístico.

Aninhado numa encosta nos limites de Belém - uma cidade que anteriormente não dispunha de qualquer espaço dedicado às artes contemporâneas - o edifício tem vista para o vale de Al-Karkafeh. As suas vistas para as montanhas jordanas no horizonte são interrompidas por um colonato israelita no topo de uma colina outrora florestada, ao longe.

Um mural gigante dos artistas Somnath Bhatt e Ayed Arafteh adorna o alçado oeste. A fachada da rua dá acesso ao piso superior, que alberga um café e uma loja com produtos de fabrico local. Entre os dois, um vazio diagonal que atravessa e liga os três níveis atrai o olhar para baixo, oferecendo uma perspetiva abrangente das múltiplas atividades que se desenrolam no interior e para o vale mais além.

O estúdio dos arquitetos e vários outros gabinetes em plano *open space* estão também instalados no piso superior. A *mezzanine*, por baixo, alberga uma área de produção, estações de trabalho para artistas, uma estação de rádio e um restaurante. O piso inferior alberga principalmente um espaço para espetáculos e produção, com instalações para várias atividades artesanais, desde o trabalho da madeira e do metal à fundição, têxteis e fotografia. Um pátio exterior oferece um local descontraído para convívio ou reuniões informais.

As únicas zonas fechadas da fachada posterior são o estúdio de som, com paredes de alvenaria, e o vão de escada com fachada metálica, com duas vigias cónicas salientes. Estas janelas, fabricadas por Mohammad Husni, especialista em trabalhos em aço para silos de fábricas, são inclinadas para enquadrar partes específicas da paisagem circundante. O mobiliário, a iluminação e outros pormenores são igualmente fabricados por artesãos locais, incluindo a instalação proeminente no telhado, da autoria de Bishara al-Hadweh, de letras escalonadas em aço inoxidável que soletram “WONDER CABINET” e que giram suavemente - como um cata-vento - em mecanismos de rolamentos de esferas feitos à medida.



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### ***Citação do Júri:***

“Iniciado pelos arquitetos para preencher uma lacuna na oferta cultural para os jovens da cidade, este projeto expande a intervenção dos arquitetos para os papéis de cliente, designer, praticante cultural e ativista.

Concebido como um farol aberto, flexível e transparente de produção cultural e resiliência no vale de Al Karkafeh, a organização espacial do edifício facilita o intercâmbio, o diálogo e a construção de comunidades. Com um programa misto de estúdios de artistas, espaços de produção, uma estação de rádio, um restaurante e os gabinetes dos arquitetos distribuídos por diferentes plataformas, o vazio transversal que atravessa os seus três pisos incentiva as ligações físicas e visuais, tanto no interior do edifício como em direção à paisagem circundante.

Partindo da linguagem contemporânea da construção em estrutura de betão predominante em Belém e arredores, o projeto demonstra que a complexidade e a riqueza espacial podem ser alcançadas através da aplicação criteriosa de métodos de construção normalizados e da utilização mínima de materiais. A grelha de betão torna-se uma infraestrutura habitada de produção cultural, bem como um monumento doméstico - anónimo na sua expressão e escala, mas monumental no seu impacto. O edifício consegue, simultaneamente, misturar-se com os outros edifícios da cidade através da sua expressão arquitetónica e destacar-se através da sua transparência como um gesto aberto e acolhedor na paisagem. A sua estrutura de betão simples é complementada por elementos artesanais produzidos localmente, como a sinalética giratória, as vigias e os murais que celebram a produção palestina contemporânea.

Firmemente aninhado num cenário profundamente carregado, o Wonder Cabinet oferece novos horizontes: reintroduzindo o fazer, a música, a maravilha e a alegria na cidade. Ao imaginar tanto a instituição cultural como a estrutura física que a acolhe, os arquitetos criaram um edifício que transcende o seu contexto político imediato, fornecendo um modelo para uma arquitetura de ligação que está enraizada em expressões contemporâneas de identidade nacional e afirma a importância da produção cultural como um meio de resistência.”

### ***Dados do projeto***

#### **CLIENTE**

Wonder Cabinet, Belém, Palestina

#### **PATROCINADORES**

Fundação Drosos, Zurique, Suíça

Família Anastas, Belém, Palestina



## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### ARQUITETOS

AAU Anastas, Belém, Palestina:

Elias Anastas, Yousef Anastas, *arquitetos principais*

Georges Anastas, Pauline Anastas, *arquitetos*

### CONSULTORES

Wael Zeit, Issam Zeit, *engenheiros electrotécnicos*

### OBRAS DE ARTE

Somnath Bhatt, Ayed Arafah, *artistas*

### EMPREITEIROS

Local Industries, Belém, Palestina

Bishara alHadweh, *artesão*

Mohammad Husni, *operário siderúrgico*

### INSTALAÇÃO ELÉTRICA

Issa Haroun, *empreiteiro elétrico*

### INSTALAÇÃO MECÂNICA

Elias Zarouk, *empreiteiro mecânico*

### Dados do projeto

Área do terreno: 800 m<sup>2</sup>

Área do rés-do-chão: 265 m<sup>2</sup>

Área total de construção: 950 m<sup>2</sup>

Custo sem terreno: 758.120 US\$

Custo do terreno: 400.000 US\$





## Prémio Aga Khan para a Arquitetura

### Calendário

Comissão: Janeiro de 2021

Projeto: Janeiro - Setembro de 2021

Construção: Novembro de 2021 - Maio de 2023

Ocupação: Maio de 2023

### **AAU Anastas**

AAU Anastas é um ateliê de arquitetura e investigação fundado por Elias e Yousef Anastas, com escritórios em Belém e Paris. O ateliê explora a interseção do artesanato e da arquitetura numa série de escalas, desde o *design* de mobiliário a estudos territoriais de grande escala. Promovem uma abordagem contemporânea ao trabalho com a pedra estrutural na arquitetura, na Palestina e não só. O seu trabalho está particularmente atento às implicações políticas da utilização da pedra, com ênfase na redução da pegada de carbono, na promoção de ambientes urbanos mais resistentes e no incentivo a um abastecimento e aplicação mais responsáveis dos materiais. Projetos como Stone Matters exploram o significado social e histórico da pedra na Palestina, propondo simultaneamente aplicações contemporâneas inovadoras. Também foram cofundadores da Rádio AlHara, uma estação de rádio comunitária *online* que constrói redes inesperadas de solidariedade através do som. A sua prática centra-se na ligação de contextos híper-específicos - por vezes aparentemente não relacionados - para abrir novas formas de diálogo e resistência.

Elias Anastas trabalhou com Yves Lion em Paris antes de regressar a Belém para dirigir projetos como o Conservatório Nacional de Música Edward Said e o Tribunal de Hebron. Yousef Anastas adquiriu experiência na Kengo Kuma & Associates e na RFR e dirige atualmente a divisão de investigação do ateliê, a SCALES, centrada nas técnicas contemporâneas de construção em pedra.